

Špánková, Silvie; Dacosta, Fernando

Dacosta, Fernando (1945): Os Retornados Mudaram Portugal (2013)

In: Špánková, Silvie. *(Des)colonização na literatura portuguesa contemporânea : breve antologia de textos literários e ensaísticos com atividades*. 1. vyd. Brno: Masarykova univerzita, 2014, pp. 46-49

ISBN 978-80-210-7053-0; ISBN 978-80-210-7056-1 (online : Mobipocket)

Stable URL (handle): <https://hdl.handle.net/11222.digilib/130537>

Access Date: 16. 02. 2024

Version: 20220831

Terms of use: Digital Library of the Faculty of Arts, Masaryk University provides access to digitized documents strictly for personal use, unless otherwise specified.

Dacosta, Fernando (1945): *Os Retornados Mudaram Portugal* (2013)

Atualização do trabalho pioneiro sob o título Os Retornados Estão a Mudar Portugal (1984), que retoma o tema da descolonização num estilo muito singular entre reportagem, ensaio e ficção. Acentuam-se, na narrativa, certas qualidades dos ex-colonos, tais como perseverança e capacidade de dádiva e sacrifício, perdas para os novos países africanos, que, paradoxalmente, contribuíram enriquecendo o desenvolvimento de Portugal. O trabalho segue uma famosa ideia de Agostinho da Silva: “A expulsão dos portugueses de África será tão grave para África como a expulsão dos judeus de Portugal foi para Portugal”.

DONOS DE TERRA

De subvalorizados passaram (muitos) a sobrevalorizados. Vivendo em círculos concêntricos, assumiram-se em certas zonas como *castas* de poderio crescente. Alguns tornaram-se os novos donos da terra. «Mais de 50 por cento vivem aqui melhor do que lá», repetem-nos.

«Nunca ganhei tanto dinheiro como agora e nunca trabalhei tão pouco. A África, afinal, é aqui; se soubesse, tinha vindo há mais tempo», confidencia um luandino ligado ao mundo da especulação bolsista.

Depressa passaram a controlar vários sectores, a ser a sua classe dirigente e exigente, a formar uma rede por todo o país que se organizou, alargou, interligou.

Mais do que o dinheiro, porém, ou a riqueza em si, foi o êxito, o domínio que lhes interessou. «Se em vez de nos terem dispersado pelo país nos tivessem dado uma província só para nós, éramos agora uma potência, e sem crise; os de fora tinham de nos pedir batatinhas!», afiança Custódio Antunes, do Cartaxo, antigo camionista no Norte de Angola.

Foi jogando nessa mentalidade que surgiram, por exemplo, candidatos próprios à Presidência da República, como Pompílio da Cruz, e candidatos seus representantes privilegiados, como o general Galvão de Melo.

Os grandes partidos políticos passaram a recebê-los nas suas estruturas internas, de onde os injectaram na administração pública.

«Eles é que fizeram pender a balança no sentido da contrarrevolução», comentará o antigo deputado José Manuel Jara, único retornado no grupo parlamentar do Partido Comunista Português.

NÃO HÁ NOITE QUE...

Abílio Lourenço Mendes, 21 anos por Angola e Moçambique como profissional de hotelaria, tornou-se sócio de um *snack* em Leiria: «Como sou de cá, vim para aqui. Não tive muitas dificuldades em refazer a minha vida, embora não tenha tido apoios. O meu genro é que teve um empréstimo de quatro mil contos do IARN para montar um laboratório de mecânica no Algarve. Todos os que vieram com vontade de trabalhar e com experiência de trabalho refizeram a vida com relativa facilidade. Mas se nos dessem garantias de segurança voltávamos para África; a maior parte voltava!»

Voltar: «Não há noite que não pense em Angola, na comunidade que lá deixei», desabafava, em Moncorvo, António Luís Moita. «O ter encontrado trabalho é que me levou a fixar aqui. Estive 24 anos em Luanda, a minha terra é lá, aliás só tinha vindo uma vez à Metrópole. Era chefe de secção, tinha uma boa posição, carro, telefone ... Quando cheguei, vivi miseravelmente mais a família, seis pessoas em dois quartos onde cozinávamos. Com ajudas de amigos, construímos depois esta casa. Foi uma vitória!»

«SINTO-ME PERDIDO»

Noutra ponta do país, a sul, nos arredores de Tavira, João Joaquim Barqueira, 64 anos, não esconde as lágrimas que (ainda) lhe imobilizam o rosto, a voz, as mãos, a sufocação: «Acordo sempre a pensar no que deixei lá, no que de bom ficou lá, na vida que tinha, na alegria de viver que sentia, na paisagem, no calor, nas casas, nos barcos, nos amigos ... Às vezes penso que enlouqueço. Lá era gente, aqui não sou ninguém, sinto-me estrangeiro, a minha vida perdeu-se, não tem significado. Tanto trabalho p'ra nada! Tinha uma indústria de pesca, uma fábrica de farinha de peixe e prédios de 53 inquilinos. Uma das minhas traineiras chamava-se *Joana d'Arc*, vi um filme sobre ela de que gostei muito e então disse para mim: “A próxima traineira vai chamar-se *Joana d'Arc*.” Não, não trouxe nada!»

Alheia-se do que se passa à volta: «Considero-me um homem inútil em relação àquilo que fui e ao que podia ser. Sinto-me perdido!»

A amputação atingiu quase todos: «Divorciei-me antes de vir. Estive 15 anos em Moçambique, onde nunca tinha trabalhado, depois aconteceu o que aconteceu», palavras de Maria Albina Santos Vieira, contratada a prazo numa pastelaria de retornados em Leiria. «Cheguei a Portugal com mil escudos no bolso e com uma filha de 14 anos. Comecei a fazer renda, noite e dia, toalhas, colchas ... Senti muito, custou-me muito a frieza das pessoas de cá para connosco, sobretudo a da família, que queria que eu e a minha filha

fôssemos trabalhar para o campo. Tive de engolir o tratarem-nos por retornados, o ouvir dizer que o custo de vida aumentara por nossa causa, que nós tínhamos facilidades e elas não. Eu não tive facilidades, deram-me apenas alojamento durante algum tempo, nem sequer me fizeram o empréstimo que pedi para comprar uma máquina de costura. Mas isso já passou, agora dou-me bem com toda a gente!»

VINGANÇAS GERACIONAIS

Natália Correia surpreende-nos ao alertar para «o que poderá passar-se depois do período da integração» dos retornados - chamava-lhes deslocados -, se é que ela (integração) foi real.

«A sua influência na sociedade portuguesa não vai sentir-se apenas agora, embora seja já imensa», antecipou. «Vai dar-se sobretudo quando os seus filhos, hoje crianças, crescerem e tomarem o poder. Preparem-se porque vão fazê-lo. Essa será uma geração bem preparada e determinada, sobretudo muito realista devido ao trauma da descolonização que não compreendeu nem aceitou, nem esqueceu. Os genes de África estão nela para sempre, dando-lhe visões do país diferentes das nossas. Mais largas, mas menos profundas. Isso levará os que desempenharem cargos de responsabilidade a cair na tentação de querer modificar-nos, por pulsões inconscientes de, sei lá, talvez vingança! Será um fenómeno crucial daqui por 30 anos.»

Três décadas mais tarde, um Governo chefiado e integrado por filhos de retornados tentará, com surpreendente ênfase, refundar Portugal.

Na mesma altura, poderosos grupos angolanos dominarão a nossa economia através de compras massivas de empresas, bancos, indústrias, comércios, distribuidoras, transportadoras, órgãos de comunicação, propriedades agrícolas, etc.

Enquanto isso, portugueses em número crescente (gestores, investidores, trabalhadores indiferenciados, técnicos especializados) rumam a Angola e a Moçambique em pêndulos de novos futuros. As suas remessas representarão a maior subida de transferências financeiras para o país.

(DACOSTA, Fernando. *Os Retornados Mudaram Portugal*. Lisboa: Parsifal, 2013, p. 28-30, p. 34)

Atividades:

1. Identifique os traços que insinuam a atitude do narrador relativamente ao problema dos retornados.
2. Faça a sua própria reflexão acerca da questão dos retornados. Nomeie as vantagens e desvantagens do retorno dos ex-colonos a Portugal, baseando-se no conhecimento do contexto histórico-cultural.